

come to pass in either of the time periods described in these texts. In Chapter One, Frier acknowledges that Saramago privileges Marxist ideologemes (31), but the discussion of economic relations, resistance, alienation and power (sections 2, 4, 5 and 6 of the chapter, respectively) barely includes any allusions to the Marxian theory where these terms originated, let alone an account of how Saramago creatively refashions Marxist thought in his fiction. Similarly, in Chapter Three, the comments on inauthentic existence and the inexorability of death beg for a reference to Martin Heidegger's groundbreaking reflections on precisely these topics in his *magnum opus Being and Time*.

Frier's study is a thorough, well-researched analysis of some of the crucial themes at work in Saramago's literary production. The book offers a comprehensive portrayal of the author's novels and refers to the most relevant secondary sources on the author, thus serving both as a good road map for those venturing into Saramago's fictional world for the first time and as an enlightening companion for readers familiar with the writer's texts. Despite the absence of a meaningful engagement with the obvious philosophical implications of Saramago's work, Frier's readings of his novels are a valuable contribution to a field otherwise so saturated with white noise.

Patrícia Vieira
Georgetown University

**Eiras, Pedro, ed. *Jovens Ensaístas Lêem Jovens Poetas*.
Porto: Deriva, 2008.**

É com uma assinalável intensidade que temos vindo a assistir, nos últimos decénios, a uma proliferação de trabalhos sobre a chamada novíssima poesia portuguesa contemporânea (período que abarca, *grosso modo*, os anos 90 e a primeira década do século XXI). Entre os inúmeros estudos que se debruçam sobre as novas poéticas, contam-se as seguintes contribuições: *9 Poetas para o Século XXI*

(2002), de José Ricardo Nunes; *Em Parte Incerta – Estudos de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea* (2005), de Rosa Maria Martelo; e *A Novíssima Poesia Portuguesa e a Experiência Estética Contemporânea* (2005), de Luís Carmelo. Por outro lado, importaria, ainda, sublinhar a multiplicação de antologias de distintos fôlegos e propósitos, como a *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, organizada por Pedro Mexia (1997); *Anos 90 e Agora*, organizada por Jorge Reis-Sá (2001); *Poetas Sem Qualidades*, organizada por Manuel de Freitas (2002); o número 12 da Revista *Relâmpago* (2003); e, mais recentemente, *A Musa ao Espelho. Pequena Antologia Quase Inédita de Poesia Contemporânea Portuguesa* (2006).

É justamente nesta complexa e diversa constelação de teorização sobre o discurso poético português mais recente que podemos inscrever o livro *Jovens Ensaístas Lêem Jovens Poetas* (2008), coordenado por Pedro Eiras, parecendo-nos, pois, indesmentível o inusitado fulgor com que o labor poético e crítico irrompeu na nossa contemporaneidade. O volume em apreço resulta de um ciclo de conferências proferidas no dia 11 de Outubro de 2007, no Auditório da Biblioteca Florbela Espanca, tendo contado com a organização da Câmara Municipal de Matosinhos. Coerentemente estruturado em quatro partes distintas (Poética e Mostração, O Lugar da Poesia, Em Diálogo com Outras Artes, Panorâmica da Mais Jovem Poesia), a originalidade do presente livro reside sobretudo no diálogo que se procura inaugurar entre a mais jovem poesia (revelada nos dois últimos decénios) e o mais jovem ensaísmo de Portugal.

Contemplando múltiplas abordagens teóricas (em que se incluem a perspectiva feminista, os estudos inter-artes, o prisma teológico ou a relação entre discurso poético e o discurso da ciência) e compulsando cartografias instáveis do dizer e do sentir poéticos por onde navegam os novos orfeus, cada estudo que aqui se desenvolve constitui, por si só, um universo crítico *in statu nascendi* que anuncia novos rumos de leitura e novas mundivisões.

Na primeira parte, centrada essencialmente na problemática da identidade do sujeito poético, Marinela Freitas, partindo do livro *Prefloração* de Catarina Nunes de Almeida, parte em busca da indagação do estatuto ontológico do sujeito lírico, de onde irradia a erotização da experiência e da linguagem femininas, ao passo que Mariana Leite, no ensaio “Poesia no século XXI – Odisseia no Saber?,” analisando *Tratado de Botânica*, de Joana Serrado, *Biologia do Homem*, de Jorge Reis-Sá, e *Para Morrer*, de José Rui Teixeira, questiona a validade discursiva dos textos e dos métodos científicos e convida o leitor a aceitar o privilégio do incerto que caracteriza o discurso poético. De seguida, é sobre o poema em prosa em Luís Quintais que se debruça a análise de João Paulo Sousa: aí se afirma a lógica da descontinuidade e da permanente tensão que se plasma no equilíbrio sempre instável que caracteriza a obra de Quintais.

Na segunda secção, o tema urbano na poesia contemporânea parece ocupar um lugar de destaque. Catarina Nunes de Almeida, no seu ensaio “Imagens da cidade na novíssima poesia portuguesa,” reflecte justamente sobre a cidade enquanto entidade geradora de ficcionalidade. Já Miguel Ramalhete Gomes, no ensaio “Morar e recordar,” elege a dialéctica entre memória e esquecimento como o tópico central para a sua reflexão em torno da obra *Cidade Líquida e outras texturas*, de Filipa Leal, como uma “demora inquieta” no poema. Por sua vez, Raquel Ribeiro debruçar-se-á sobre a poesia de Daniel Faria, que é aqui encarada como a noite escura no interior da palavra; utilizando a noção llansoliana de “textualidade,” Ribeiro sublinhará a dimensão ontológica desta poesia, embora não obnubilando a dimensão mística que inegavelmente a habita.

Na terceira secção, que beneficia da riqueza prismática dos estudos inter-artes, Margarida Gil Reis oferece ao leitor uma estimulante análise sobre o tema da fragmentação (e da percepção do tempo que a acompanha) que a fotografia instaura; para o efeito, procede a uma análise aturada do poema “Heilige Tod,” de Manuel de Freitas. Seguindo um trilho afim, no ensaio “Talvez as fotografias vagamente

desfocadas sejam as mais belas,” Helena Lopes reflecte sobre a poesia e *media* visuais em José Mário Silva e José Rui Teixeira, falando-nos das simulações de percepção do primeiro e das cartografias virtuais do segundo. Em “Do corpo espacejado à cirurgia estética,” Joana Matos Frias discute a escrita como cirurgia, procurando transmitir as lições de anatomia poética das obras de valter hugo mãe, Jorge Melícias e Vasco Gato.

A última parte do livro procura esboçar uma panorâmica sobre as principais linhas de rumo da poesia portuguesa contemporânea. O ensaio de José Ricardo Nunes é exemplar no modo como essa súpula é atingida: a despeito da presença de traços comuns (concretizada no regresso da subjectividade e do real, por exemplo), o autor defende, todavia, que a poesia mais recente não se subordina a uma matriz unívoca, antes se pluralizando em diversas propostas e idiomas estéticos. Já Andréia Azevedo Soares, em “Édipo às avessas,” e utilizando a configuração do anti-Édipo tal como Deleuze e Guattari a apresentam no livro homónimo, identifica a figura paternal como um tema recorrente em diversos textos de Jorge Reis-Sá, José Luís Peixoto e Rui Pires Cabral. A fechar o volume, Daniel Jonas, debruçando-se sobre a sua geração, exprime a sua desconfiança em relação a uma pretensa unidade de correntes e de comunhão de *topoi*, concluindo mordazmente que “o céu que glorifica os grandes poetas é um panteão onde vivem as vozes ainda irreconhecíveis, tanto hoje como no seu tempo, porque a sobrevivência eterna deles depende deste grau de irreconhecibilidade, marca de precursores que, no final de contas, hão-de sempre sobreviver aos seus messias” (175).

Em última análise, *Jovens Ensaístas Lêem Jovens Poetas* constitui uma valiosa contribuição pela apresentação cuidada e multifacetada que oferece das cartografias instáveis dos novos orfeus da poesia portuguesa contemporânea.

Ricardo Gil Soeiro
Universidade de Lisboa